

## “EL EMBRUJO DE SHANGAI” E “MAQUIS”: LUGARES DA MEMÓRIA DA RESISTÊNCIA ANTIFRANQUISTA

Maria de Fátima Alves de Oliveira MARCARI  
Universidade Estadual Paulista (UNESP-Assis)  
fatimarcari@hotmail.com

**Resumo:** Mais de trinta anos após o fim da ditadura franquista, um número cada vez maior de autores escrevem romances que contribuem para converter os acontecimentos trágicos da Guerra Civil Espanhola (1936-1939) e do franquismo em cenário para o reconhecimento de memórias silenciadas, elaborando verdadeiras metáforas da história espanhola. Neste sentido, escritores como Alfons Cervera e Juan Marsé traçam uma topografia de “lugares de memória” (NORA, 1993), condicionados por realidades históricas, políticas e culturais. O valenciano Alfons Cervera, em seu romance *Maquis* (1997), narra a história do cotidiano dos habitantes de um povoado, marcado pela repressão e o medo, e a vida dos guerrilheiros, os maquis, que sobrevivem nas montanhas. O escritor recupera cronotopos de sua infância, transformando-os em lugares de memória, ao recriar a história de seu povoado natal, Gestalgar, que recebe o nome fictício de Los Yesares em seu livro. Em *El embrujo de Shangai* (1993), Juan Marsé recria o cotidiano de um bairro pobre de Barcelona em plena pós-guerra, no qual um revolucionário que vive oculto narra uma exótica fábula oriental, protagonizada por um maquis, para entreter os filhos dos revolucionários fugitivos. Segundo Pierre Nora (1993), os lugares de memória vão do objeto material aos elementos mais abstratos, simbólicos e funcionais. Levando em conta que somente no ano de 2002 os combatentes antifranquistas obtiveram o reconhecimento moral por parte do Parlamento espanhol, em nosso trabalho analisaremos em que medida esses romances, escritos durante os anos noventa, convertem-se em lugares de memória, cumprindo com os sentidos preconizados pelo historiador francês, assim como examinaremos como essas obras recuperam a figura dos perdedores da Guerra Civil, em sua dupla dimensão de perseguido e resistente.

**Palavras-chave:** Narrativa de extração histórica; Memória da Guerra Civil Espanhola; Literatura e História.

Em suas teorizações acerca das relações entre a memória e a história, tanto Halbwachs (1990) como Nora (1993) distinguem a memória individual e a coletiva da história; contudo, Nora enfatiza o antagonismo da história em relação à memória declarando que “a memória é sempre suspeita para a história, cuja verdadeira missão é destruí-la e a repelir (1993, p. 9). A história “oficial” residiria, segundo as concepções do historiador francês, em “lugares de memória” sistemáticos, institucionalizados e autorreferenciais, incorporando lugares como museus, cemitérios, monumentos, documentos, ou eventos como desfiles e celebrações, cuja função seria a de impor uma “memória aprendida”, deliberada e externa, em detrimento da “memória vivida.”

Assim, de acordo com Pierre Nora (1993), os lugares de memória vão do objeto material aos elementos mais abstratos, simbólicos e funcionais. Levando em conta que somente no ano de 2002 os combatentes antifranquistas obtiveram o reconhecimento moral por parte do Parlamento espanhol, em nosso trabalho analisaremos em que medida dois romances - *El embrujo de Shangai* (1993) e *Maquis* (1993) -, escritos durante os anos

noventa, convertem-se em lugares de memória, cumprindo com os sentidos preconizados pelo historiador francês, assim como examinaremos como essas obras recuperam a figura dos perdedores da Guerra Civil Espanhola (1936-1939), em sua dupla dimensão de perseguido e resistente.

Neste sentido, o valenciano Alfons Cervera recria em *Maquis* a história de uma comunidade, preservando a memória coletiva, que se opõe à memória aprendida, à história estática, com uma continuidade orgânica que retrata o cotidiano de adaptação de um povoado espanhol a um contexto histórico marcado pela violência e a repressão.

A oralidade surge como um meio de recuperação da memória coletiva dos maquis, e o subtítulo que abre a narrativa (“*De los nombres y de las voces*”) demonstra a conexão entre a retomada da palavra e a reivindicação da identidade, o que evidencia-se no modo como os personagens surgem no relato sem outras marcas de identidade que seus nomes próprios: Nicasio Garcia, Francisco Cemeño Fernandez, etc. – como se se tratasse de devolver a identidade aos milhares de antifranquistas mortos e que permaneceram no anonimato das valas comuns.

Dentre os meios repressivos do franquismo destacava-se a negação da existência, da identidade dos perseguidos: uma forma de desaparecimento que a história espanhola tardou muito em reconhecer. Contar significa devolver aos maquis suas identidades, os quais deixam de ocupar um lugar à margem da história e retomam seu posto de atores sociais, com o poder de narrarem a si mesmos, oferecendo uma nova perspectiva dos acontecimentos históricos.

A narrativa de Cervera estrutura-se em cinquenta sequências curtas, além de um prólogo e um epílogo. O prólogo e o epílogo são narrados por Ángel, filho do maquis Sebastián Fombuena, que rememora episódios que viveu ou presenciou na infância, mais de trinta anos após o final da resistência armada. Os episódios resumidos por Ángel no prólogo serão narrados durante o romance, às vezes de modo reiterado e sob diferentes perspectivas.

Ángel conta que seu pai matou um guarda civil que o havia surrado por trabalhar em um domingo e, por isso, teve que fugir para as montanhas e unir-se ao bando do lendário guerrilheiro Olhos Azuis. Também comenta o assassinato de dom Abelardo, o professor fascista do povoado, cometido por seu pai e o amigo dele, Nicasio, acontecimento cujas consequências traumáticas marcariam sua vida para sempre, devido à vingança dos guardas, que consistiu em queimar as mãos e as unhas de Ángel quando ele tinha doze anos, além dos sucessivos espancamentos sofridos por sua mãe Guadalupe.

O relato retrospectivo de Ángel, profundamente motivado pelo revisionismo histórico, surge ancorado ficcionalmente em 1982, ano da concretização da chamada transição democrática, cuja Lei de anistia teria implicitamente o valor de uma lei de amnésia: “Agora estamos em 1982, e depois de tanto tempo é como se fôssemos os mesmos de então. Como se fosse impossível esquecer que temos as costas curvadas pelos golpes de chicote ou pelos golpes de silêncio” (CERVERA, 2007, p. 13, trad. nossa).

Os espaços evocados apresentam os sinais do tempo histórico, estão marcados por indícios do passado. São lugares da memória não apenas dos personagens, mas do autor, uma vez que Cervera (1999) revelou em algumas entrevistas, uma delas ilustrada com várias fotos, que os lugares descritos em seus romances são reais e facilmente reconhecíveis por seus companheiros de infância. Assim, ao recuperar cronotopos de sua terra natal, o autor transfigura-os em lugares da memória não apenas dos maquis, mas de seu povoado, Gestalgar, que recebe o nome fictício de Los Yesares.

O quartel personifica o lugar da memória da violência e da repressão encarnada pela Guarda Civil. Ángel, já adulto, rememora o dia em que, ainda menino, viu seu pai levar uma surra dos guardas no quartel: “soube que o medo vivia naquela casa com um cartaz (...) na porta onde se lia: ‘*Todo por la Patria*’” (CERVERA, 2007, p. 14, trad. nossa).

O autor nomeia os lugares onde se passa a ação, como Valência, Santa Cruz de Moya, o rio Rajolar. A maior parte dos locais recebe seus nomes verdadeiros, a não ser o cenário principal da trama, Los Yesares, nome fictício atribuído ao povoado de Gestalgar. O Cerro de los Curas, localizado na serra valenciana, além de ser o refúgio e esconderijo dos maquis, também simboliza um espaço quase sagrado, repleto de plantas curativas. A paisagem montanhosa não é apenas cenário dos diálogos entre os maquis, mas também o lugar dos encontros amorosos entre os resistentes e suas esposas. Sob a proteção do manto verde das montanhas, “Rosario toca a pele escura do homem que dorme ao seu lado (...)”. Dizem no povoado que Nicasio (...) não devia nada aos nacionais e que não tinha por que ter fugido para os montes como se fosse um meliante (...)” (CERVERA, 2007, p. 42, trad. nossa). Desse modo, a narrativa busca reabilitar os maquis, denominando-os “*huidos del monte*”, uma vez que a guerrilha naquela região teve sobretudo um caráter de resistência.

Conforme observa Tyras (2007), reconstituir a história do cotidiano dos maquis, de suas famílias, representa uma forma de salvá-la do esquecimento, abrangendo não apenas a denúncia das atrocidades cometidas durante o franquismo, mas uma tentativa de reconstituição das identidades dos milhares de antifranquistas mortos.

Assim, através de sequências aparentemente desconectadas, surge uma polifonia de vozes que narram, ao mesmo tempo, o cotidiano de violência vivido pelos moradores do povoado e o drama de traição que permeia a ação guerrilheira. O relato segue a evolução da guerrilha como um itinerário deceptivo, no qual cada acontecimento representa uma etapa em direção ao fracasso: “agora a guerra está agonizando pelos montes e nessa agonia vão morrer todos, (...)” (CERVERA, 2007, p. 122-123, trad. nossa).

As últimas sequências narrativas encenam a morte de alguns protagonistas da guerrilha: Sebastián, Nicasio e Pastor Vázquez. Nicasio é um dos maiores protagonistas da resistência, sendo mencionado em várias sequências. Ele participou em várias ações da guerrilha, e sua mulher foi morta pelos guardas. Pastor Vázquez também é um personagem exemplar, uma vez que protagonizou a Guerra Civil em Galícia, ao lado dos republicanos.

Cada protagonista relata sua experiência pessoal singular, mas diferem na reflexão sobre a atuação da resistência guerrilheira. Pastor Vázquez apresenta um discurso pessimista, estruturado a partir da denúncia de diversas traições: pessoais, no caso da denúncia do companheiro Justino Aparício; e históricas, na qual se entrevê a perspectiva do autor implícito ao prever que, mesmo em tempos democráticos, haverá um pacto de silenciamento e esquecimento da história dos perdedores da guerra: “há de chegar o dia em que a liberdade se confundirá com o sentido ético da convivência pacífica e se cobrirão com o esquecimento os esqueletos dos mortos” (CERVERA, 2007, p.156, trad. nossa).

Nas páginas finais, o relato testemunhal abandona o registro tradicional da representação pelo da *apresentação* e reinscrição no presente, além da projeção no futuro:

Aí está Nicasio, dando tiros e não voltando as costas (...). E com ele e com Sebás e os outros morrerá também uma estirpe de lutadores que não terá continuidade no futuro, porque (...) sua morte será uma morte dupla a golpe de balas e silêncio (CERVERA, 2007, p. 156, trad. nossa).

Assim, a derrota pessoal faria parte de um duplo fracasso coletivo, o da resistência armada e o da transmissão da memória coletiva dos maquis. O teor testemunhal do relato funciona, portanto, como discurso de resistência que outorga a voz aos que ficaram à margem do discurso histórico hegemônico. No epílogo, Ángel reafirma seu papel de mediador entre a história narrada e o leitor, convertendo a distância que separa o presente do passado através de um olhar retrospectivo capaz de ressignificar os acontecimentos passados:

Não estavam loucos e o que fizeram foi enfrentar com valentia, (...) os desígnios macabros de uma vitória que somente havia deixado uma paisagem de mortos (...). Hoje cresce sua memória e o que houve de lenda em sua pela guerra segue alimentando o imaginário inocente dos mais jovens. Mas as lendas acabam onde começa a história; onde as palavras ocuparam definitivamente os labirintos obscenos do silêncio (CERVERA, 2007, p. 171, trad. nossa).

Assim, a recuperação da história dos maquis, silenciada pelo franquismo, transforma a memória em projeto: uma exortação ao trabalho da memória contra o esquecimento, a omissão e a repetição traumática ou nostálgica, conferindo uma dimensão moral ao dever de memória, sob o signo da justiça. “O dever de memória é o dever de fazer justiça, pela lembrança, a outro que não o si”, afirma Ricouer (2007, p. 101). Neste sentido, Ángel sobrepõe às suas próprias experiências traumatizantes, “a memória maltratada dos vencidos, que cresceu frente aos paredões imensos do silêncio, levantados quando acabou-se a guerra” (CERVERA, 2007, p. 170, trad. nossa).

### ***El embrujo de Shangai: entre a fantasia e o desencanto***

Em um bairro barcelonês empobrecido, as histórias dos maquis eram um dos únicos refúgios para a fantasia das crianças durante a pós-guerra. A narração homodiegética do menino Daniel, o protagonista, baseia-se em suas ocupações principais: acompanhar o Capitão Blay, ex-guerrilheiro urbano, em suas andanças pelas ruas de Barcelona para angariar assinaturas para um abaixo-assinado contra um gás tóxico que subiria pelos esgotos do bairro; e visitar Susana, uma menina tuberculosa, filha de um maquis fugitivo, para desenhar seu retrato, com o qual o Capitão pretende pressionar as autoridades com a questão do gás.

Na casa onde vivem Susana e sua mãe, uma bilheteira alcólatra, aparece um refugiado, Forcat, recém-chegado da França com notícias de Joaquim Franch, o Kim, o pai da menina. Forcat entretém as crianças durante as tardes com suas exóticas histórias, nas quais Kim vai até Shangai para assassinar um nazista. Para a menina Susana, seu pai não era mais do que uma imagem típica e nebulosa de um maquis, como recorda tê-lo visto entre seus sonhos, quando era muito pequena: “seu casaco de couro cheirava a chuva e creio que usava uma boina” (trad. nossa). Com suas histórias, Forcat mantém viva a esperança de que o pai de Susana irá voltar para buscá-la. O pai de Daniel, por sua vez, é um dos milhares de guerrilheiros desaparecidos da Guerra Civil. Portanto, os dois adolescentes estão dispostos a acreditar nas aventuras repletas de perigos, mas também de fidelidade à causa e de paixões que vão sendo narradas por Forcat, e que acabarão truncando-se em histórias de traição e de desencanto pela luta. Forcat é desmascarado quando aparece outro maquis, Denis, que lhes revela uma realidade amarga, mas que poderia também ter uma dose de invenção: o pai de Susana não está em Shangai, mas havia fugido com a mulher e o filho de Denis; Forcat não é mais um maquis, mas sim um trapaceiro que vivia à custa dos outros.

Na guerrilha urbana barcelonesa destacavam-se os homens que tinham lutado em grupos de resistência antifascista na França, como são os maquis lendários que protagonizam as estórias contadas por Forcat. Contudo, a guerrilha urbana havia acabado no final dos anos quarenta, dando lugar a uma série de lutas internas entre os diversos setores da oposição, o que concede um sentido mais amplo para os enfrentamentos entre Forcat e Denis, já que estes ex-guerrilheiros perderam todo o referencial político-moral da luta antifranquista, o que fica mais evidente quando o narrador Daniel nos informa sobre Denis: “ninguém suspeitava até então, e eu muito menos, mas depois saberíamos que sua renda provinha da cobrança de cotas à velhos militantes republicanos e de assaltos a estabelecimentos comerciais (MARSÉ, 2010, p. 238, trad. nossa).

Do mesmo modo, na casa de Susana começa a decadência física e moral: Denis se muda para a casa e proíbe a entrada de Forcat e Daniel. Anos depois, Daniel ouve rumores de que Susana trabalha como prostituta para Denis, que a maltrata, e que sua mãe está quase louca. Forcat ajuda Susana a escapar de Denis mas, quando estão na casa, este reaparece e o matam. Forcat assume a culpa, mas tudo indica que foi Susana quem disparou os tiros. Assim, as histórias românticas dos maquis, em uma Barcelona vencida e cinzenta, acabam desmoronando-se, e os verdadeiros resistentes aparecem como homens desesperançados, que acabam perdendo seus princípios e sua dignidade.

Desse modo, a obra de Marsé exibe a fragilidade do mundo das ilusões infantis, como forma de escapar da realidade, a qual logo se impõe aos jovens: a Susana adolescente chega a prostituir-se, mas termina trabalhando na bilheteria do cinema do bairro, seguindo o mesmo destino de sua mãe; os amigos de infância de Daniel convertem-se em delinquentes, enquanto que ele segue sem perspectivas em relação ao futuro

Outro protagonista do romance que parece absolutamente louco, mas que pode ser considerado o mais lúcido de todos, porque é capaz de decifrar o ambiente asfixiante em que vivem, é o Capitão Blay, também conhecido como o Homem Invisível. As crianças do bairro riem dele, porque exibe a cabeça cheia de bandagens: “Seu medo era tamanho que saía camuflado debaixo de um chamativo disfarce de ‘pedestre atropelado por um bonde’, conforme gostava de apresentar-se nas tabernas” (MARSÉ, 2010, p. 32, trad. nossa). Assim como os maquis de Alfons Cervera tiveram que ocultar-se nos montes, o velho guerrilheiro urbano representa um dos milhares de revolucionários fugitivos que viviam ocultos em quartos escuros: “havia passado três anos escondido em sua casa, em um pequeno banheiro inutilizado ao qual se chegava através de um armário sem fundos que ocultava uma porta” (MARSÉ, 2010, p. 32, trad. nossa).

O jovem Daniel recorda-se do primeiro dia em que o viu: “plantou-se diante de mim, impulsionado desde seu outro mundo já devastado e irreversível, o dos filhos mortos e dos ideais perdidos, o da derrota e da loucura” (MARSÉ, 2010, p. 34, trad. nossa). O narrador Daniel alude aos dois filhos mortos do Capitão, que lutaram ao lado do pai na batalha do Ebro (1938), a mais sangrenta batalha da Guerra Civil Espanhola, que causou a morte de dezenas de milhares de republicanos. A partir daquele primeiro encontro, Daniel alterna suas visitas à Susana com as correrias com o Capitão pelo bairro, ao qual tem que acompanhar para conseguir assinaturas para seu abaixo-assinado contra o gás que se mete por todas as partes. Esse gás, segundo Blay, além de ter causado a enfermidade da menina Susana, fazia com que as pessoas erguessem o braço direito para o alto, numa alusão à saudação franquista que era obrigatória nos horários do hasteamento da bandeira e ao som do hino franquista. Ao ver os pedestres paralisados, Blay comenta: “–Você viu isso – O gás fulminou-os (...). Aí estão eles, cravados como estacas, miseravelmente *gaseificados* na via pública” (MARSÉ, 2010, p. 112, trad. nossa). Com a morte do Capitão, Daniel reflete, anos depois: “hoje eu sei, entre esse gás quimérico que saía dos esgotos para adormecer-nos e a corajosa convicção que tinha o velho da existência real desse gás, não havia senão um ligeiro mal-entendido” (MARSÉ, 2010, p. 201, trad. nossa).

Assim, sobressai no romance a memória do antigo bairro barcelonês, reconstruída a partir das correrias de um quixotesco Capitão Blay, um representante dos ex-revolucionários fugitivos, que seguia lutando e deformando a realidade, ao denunciar a violência e a repressão que se infiltrava através de um quimérico gás, que teria paralisado os nervos de toda a população, convertendo os barceloneses em seres apáticos. Aos que se recusavam a assinar seu abaixo-assinado, o Capitão afirmava que “tinham as tripas cheias de gás e vão arrebentar de uma hora pra outra” (MARSÉ, 2010, p. 198, trad. nossa)

Nos dois romances, encontramos distintas formas de representação dos lugares de memória da resistência antifranquista, mas que confluem em alguns sentidos. As narrativas de

Cervera e Juan Marsé propõem uma desconstrução dos mitos que envolviam os maquis e os guerrilheiros urbanos, destacando suas dimensões de perseguidos e resistentes, durante os anos mais sombrios da ditadura franquista. Ao evidenciar a decadência da guerrilha nos montes, assim como o fim da guerrilha urbana, os romances expõem precisamente o lado mais humano e mais trágico de seus personagens. Em *Maquis*, a história dos resistentes aparece mediada por um narrador, Ángel, que sofreu as consequências da repressão durante sua infância, bem como muitos capítulos são narrados pelos maquis nos seus momentos finais, em que se enfrentam com a guarda franquista. Os personagens narram a própria morte, o que reforça a identidade dos maquis como figuras trágicas e perdedores absolutos, que somente recuperam sua memória e seu lugar na história através da ficção.

Em *El embrujo de Shangai*, não são tanto as histórias fantasiosas narradas por Forcat que operam a reconstrução do passado, mas sobretudo a ironia e a paródia que se oculta na loucura de um velho quixotesco que, com sua pasta debaixo do braço, seguia recolhendo não apenas assinaturas, mas sobretudo testemunhos eloquentes de um tempo de infâmia e desamparo, como fica claro na reflexão de Daniel: “A única coisa que possuía e reconhecia como inequivocamente sua; a sovada pasta (...), que não era mais que um extravio de sua cólera, uma ruína da memória, a devastada consciência de outra ignomínia que muitos preferiam esquecer” (MARSÉ, 2010, p. 104, trad. nossa). Assim, a reflexão do personagem evidencia a tensão entre memória e esquecimento em uma dimensão simbólica, uma vez que Daniel, filho de um maquis desaparecido, parece consciente do preço que implicou essa “amnésia” intencional.

Ambas as narrativas não propõem a idealização dos combatentes, mas sim procuram retratar as memórias dos vencidos em seus aspectos ao mesmo tempo poéticos e sobretudo trágicos, destacando sua dimensão de resistentes, ocultos nas montanhas ou nas cidades. São poucos os romances que, como estes, humanizam os heróis; portanto, devem ser considerados como lugares da memória alternativos, preenchendo, assim, as lacunas históricas e legais que os maquis e os guerrilheiros suportaram durante o franquismo e mesmo durante a transição democrática.

## Referências

CERVERA, Alfons. *Maquis*. Barcelona: Montesinos, 1997.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. Laurent León Schaffter. SP: Ed. Vértice, 1990.

MARSÉ, Juan. *El embrujo de Shangai*. 3ª ed. Barcelona: Debolsillo, 2010.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Trad. Yara Aun Khoury. In: *Projeto História*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica (PUC), nº 10, p. 7-28, 1993.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Trad. Alain François et al. Campinas: Ed. UNICAMP, 2007.

TYRAS, George. *Memoria y resistencia: El maquis literario de Alfons Cervera*. Barcelona: Montesinos, 2007.